Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

–

Revisitando as ligas camponesas: lideranças e disputas internas do movimento camponês[1]

Bernard José Pereira Alves[2]

Resumo:

O artigo pretende revisitar parte da história do movimento que melhor personificou a luta por terra e reforma agrária no Brasil no momento anterior ao golpe militar de 1964, as Ligas Camponesas. Pretende-se explorar, a partir do confronto de diferentes versões de militantes e lideranças do movimento, as razões pelas quais ele se modificou, a partir de 1961, sua forma de atuação, contemplando inclusive a luta armada como alternativa de mobilização. O artigo pretende lançar luz sobre as razões dessa mudança e as suas implicações nos passos seguintes do movimento.
Palavras-chave: *Ligas Camponesas; lideranças; reforma agrária; dispositivos militares.*

Abstract:

The article intends to revisit part of the history of the movement that embodied much of the struggle for land reform in the country before 1964, the Peasant Leagues. It is intended to explore, starting from the confrontation of different versions of militants and leaders of the movement, the reasons why the Leagues modify, from 1961, its form of action, contemplating even the armed struggle as an alternative of mobilization. The article is intended to suggest the reasons for this change and the implications for the next steps of the social movement.

---

[1]Artigo da seção especial CPDA 40 anos.

[2]Doutor em Ciências Sociais pela Unicamp/ Professor Ebtt / Instituto Federal e Tecnológico de Roraima. E-mail: bernardjpa@gmail.com.

Keywords: *Peasant Leagues; leaderships; land reform; military training camps.*

1. Introdução

As Ligas Camponesas foram o movimento que melhor personificou a luta por reforma agrária no Brasil da década de 1950 até o golpe militar em abril de 1964. Lembrada pela liderança de Francisco Julião e pelo engajamento de uma grande massa de camponeses, esse movimento foi um dos principais responsáveis por colocar em pauta a questão da disputa pela terra naquele período. A luta do movimento se inicia relativamente restrita, vinculada aos posseiros do Engenho Galileia, em Pernambuco, particularmente orientada sob princípios do ordenamento legal existente, isto é, o Código Civil era o principal instrumento de resistência mobilizado. No início, a luta era pela terra, pela permanência nela, e gradualmente se consolida na direção da reforma agrária. Para entender essa transição, consagrada no Congresso de Belo Horizonte em 1961, deve ser considerada a aproximação do movimento com Cuba e compreender as disputas que passaram a ocorrer dentro das Ligas Camponesas.

O presente artigo se propõe a revisitar o movimento, trazendo à tona novas questões que podem ajudar a reposicionar parte de suas ações e a compreender algumas das razões de seu enfraquecimento às portas do golpe de 1964. A proposta se concentra em analisar uma das possibilidades de explicação para a transição do movimento, que antes se marcava pela iniciativa legal, para considerar a luta armada uma solução para o problema do acesso à terra no Brasil.

Para tanto, nos utilizaremos especialmente do confronto de fontes tradicionais ligadas ao movimento, como as entrevistas do

próprio Francisco Julião, com informações recolhidas de Clodomir Morais, militante do PCB[3] e das Ligas Camponesas. Este último se descreve como uma "espécie de assessor" de Julião durante grande parte do período de ação das Ligas, mas o que se evidencia, sobretudo, é seu papel como uma liderança que se mantinha propositalmente nos bastidores do movimento.

Assim, o artigo se divide em duas seções. A primeira delas diz respeito ao processo de aproximação das Ligas Camponesas com os revolucionários de Cuba, fato que parece imprimir novos contornos à organização. Na segunda seção, é explorada a narrativa de um participante da iniciativa dos dispositivos militares organizados pelas Ligas Camponesas, a fim de evidenciar como a proposta da luta armada, mais do que um processo de amadurecimento da própria condição de força mobilizadora do movimento, sugere algo como a fragmentação dos próprios interesses e a desestabilização de suas lideranças.

2. Entre Havana e Dianópolis: influência de cuba e a 'aceleração' das ligas

As relações entre Cuba e o movimento das Ligas Camponesas eram constantemente acionadas, especialmente pela mídia brasileira, como uma tentativa de reproduzir no Nordeste do país o movimento revolucionário que tomou o poder no país caribenho. Ainda nesta direção, o acompanhamento internacional do movimento também ocorreu, especialmente por intermédio dos Estados Unidos da América, com medidas como a Aliança para o Progresso, ou até mesmo a visita do

[3]Partido Comunista Brasileiro.

irmão do presidente americano John Kennedy, não somente a Pernambuco, mas ao próprio Engenho Galileia [4]. Fato é que as aproximações entre cubanos e brasileiros existiram e definiram contornos nas ações das Ligas, mas essas relações, segundo as informações apresentadas por Clodomir, parecem ter se dado muito mais numa dinâmica de reciprocidade do que numa simples inspiração de reproduzir a iniciativa cubana no Brasil.

O primeiro contato entre as Ligas e Cuba teria sido mediado pelo PCB, em 1961, época em que os cubanos buscavam levar os brasileiros para apresentar sua experiência de organização de pequenos agricultores. Clodomir conta que os cubanos tinham criado a Associação Nacional de Agricultores Pequenos (Anap), mas ainda encontravam muita resistência para a adesão desse grupo à iniciativa. Os cubanos teriam mandado dois aviões, e uma delegação de mais de cem pessoas ligadas às Ligas Camponesas teria seguido para Havana pouco depois de uma semana da tentativa de invasão da Bahia dos Porcos por forças opositoras ao grupo de Fidel. Clodomir conta que ficaram hospedados em uma espécie de colônia de férias, e lá foram informados que o líder da revolução cubana gostaria de falar com eles e que também passaria a noite no local. A intenção dele seria alertá-los sobre a necessidade de organizar os camponeses no Brasil, porque, segundo Fidel, os americanos também tentariam movimento semelhante ao que ocorrera

[4]A presença americana na região contou com financiamento e apoio técnico de projetos patrocinados, pautados pela Aliança para o Progresso. Este programa visava investir, em especial, em localidades onde os americanos consideravam de potencial risco de influência da Revolução Cubana. Segundo Page (1972), parte dos quadros de apoio técnico da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid) era composto por agentes da polícia secreta do país (CIA). Sobre a repercussão do movimento das Ligas nos Estados Unidos, ver também Rogers (2010).

em Cuba dias antes. Clodomir conta ainda que, diante da recente tentativa de invasão a Cuba, as Ligas teriam mobilizado seis mil camponeses para apoiar a resistência cubana. Apoio imediatamente recusado por Fidel, que teria reafirmado "organiza-se para resistir lá, cada um resiste em seu país". Reforçando a ideia de solidariedade entre as instituições, as Ligas teriam criado ainda, antes da viagem de 1961, um Comitê de Apoio a Cuba, que enviava para a sede das Nações Unidas, em Nova Iorque, telegramas denunciando as ações dos militares dos Estados Unidos contra os cubanos.

A relação entre Cuba e as Ligas Camponesas ultrapassava as propostas revolucionárias e compunham parte da engrenagem política da época. Isto porque o PCB, desde as eleições para Presidência da República, em 1960, decidira apoiar o nacionalista Marechal Lott. Neste sentido, questões externas, como a tentativa de invasão a Cuba no início de 1961, não eram tratadas frontalmente pelo PCB. Por outro lado, o vencedor do pleito diante de Lott, Jânio Quadros, vinha desde o ano anterior estreitando laços com os cubanos. No ano de 1960, Quadros fez uma visita ao país caribenho, com uma comitiva em que Julião estava presente, onde foi recebido por Fidel e Che Guevara[5]. Para Jânio, a proximidade com as Ligas era importante por reafirmar uma aproximação com a esquerda, mesmo que o PCB tivesse optado por oficialmente apoiar Lott. Ao promover essa visita e a afinidade com as Ligas, o então candidato da oposição reforçava sua posição no tabuleiro das disputas do campo político da época. Ao mesmo tempo, a proximidade com Jânio [6] também tornava evidente o gradual

[5] *O Estado de S. Paulo* de 30 de março de 1960.
[6] Clodomir conta que grande parte dessa relação entre Jânio e as Ligas se deu a partir da história prévia que os dois haviam construído em São Paulo, quando

afastamento entre PCB e Ligas, o que ajuda inclusive a compreender os deslocamentos de figuras como Clodomir, nos dois espaços.

Clodomir conta que grande parte dessa relação entre Jânio e as Ligas se deu a partir da história prévia que os dois haviam construído em São Paulo, quando trabalharam juntos no jornal *A Hora*[7]. Depois de voltar ao Nordeste, Clodomir só restabeleceu contato com Jânio em 1955, quando reencontrou o ex-companheiro de trabalho durante a campanha eleitoral para Presidência da República. Na época, Jânio apoiava o então candidato da UDN Juarez Távora, que acabou derrotado por Juscelino Kubitschek. Após o reencontro, um novo contato somente foi feito já ao final daquela década, quando Jânio pediu que seu chefe de gabinete, Jair Carvalho Monteiro, convidasse Clodomir para levar Julião para uma reunião na casa de sua mãe, em São Paulo. O recado de Jânio era direto, ainda seria lançado como candidato à Presidência pela UDN, mas queria duas pessoas das Ligas para acompanhá-lo na viagem até Havana. A intenção, segundo Clodomir, nas palavras de Jânio seria dar um "xeque- mate" em Lott. Isto é, a aproximação de Jânio e as Ligas, consequentemente, forçava um afastamento entre as últimas e o PCB. Movimento semelhante parece ter ocorrido com o próprio Clodomir, que compunha um grupo que pertencia ao partido, mas que com o passar do tempo começou não somente a ganhar espaço nas Ligas, mas também a disputar posições de destaque dentro dela.

---

trabalharam juntos no jornal *A Hora*. Depois de voltar ao nordeste, Clodomir só voltou a ter contato com Jânio em 1955, quando reencontrou o ex-companheiro de trabalho durante a campanha eleitoral para Presidência da República.

[7] Os dois se conheceram anos antes, no final da década de 1940, quando Jânio era um jovem vereador na cidade de São Paulo e Clodomir dava seus primeiros passos profissionais como jornalista. Saber mais em Alves (2015).

Nesse contexto, a própria figura de Jânio Quadros precisa ser revista, uma vez que, nas palavras de Clodomir, o ex-presidente foi um "grande protetor das Ligas", ajudando inclusive a financiar as ações do movimento. Além disso, outro componente também deve ser revisitado — a necessidade de se compreender qual foi a influência desse movimento de Jânio no próprio desenrolar da história das Ligas, uma vez que pode ser afirmado que o primeiro movimento de aproximação entre Cuba e as Ligas se deu especialmente por meio das intenções de Jânio Quadros de tentar trazer para si o apoio de representantes da esquerda nas eleições presidenciais em 1960, em resposta ao posicionamento tomando à época pelo PCB.

Assim, a afirmação de Clodomir, de que o primeiro contato entre as Ligas e os cubanos se deu somente no ano de 1961, passa a fazer sentido, caso seja considerado que aquele momento foi a primeira oportunidade que um dos dois buscou um apoio objetivo nessa relação. No caso, os cubanos buscavam nas Ligas exemplos de experiência organizativa para implementar a Anap. O que não pode ser desconsiderado é que a viagem organizada por Jânio, ainda que somente com dois representantes das Ligas, pode ter criado a oportunidade de aproximação que se estreitou nos anos seguintes.

Clodomir se refere a Jânio como "protetor das Ligas", pois, segundo ele, o ex-presidente foi um dos principais financiadores do movimento[8]. Uma das fontes de contribuição do então governador de São Paulo era por meio da Viação Aérea São Paulo (Vasp). O governador

[8] Clodomir demonstrou forte descontentamento quando perguntado se Cuba financiava o movimento. Ele enfatizou, em mais de uma oportunidade, que os maiores colaboradores das Ligas estavam no Brasil. Exceção destacada ao apoio financeiro prestado pela Anap (Associação Nacional de Agricultores Pequenos) à campanha de Julião em 1962.

solicitava que o então presidente da empresa, brigadeiro Faria Lima, atendesse aos pedidos de bilhetes para as viagens dos camponeses para o país ou exterior. Esse apoio foi importante para que o vínculo entre os grupos se estabelecesse. Em uma dessas viagens[9], Clodomir diz ter surgido, por intermédio de Fidel, uma divisão na estrutura das Ligas. O líder cubano teria reafirmado a necessidade de reorganizar o movimento. Este se dividiria em três organizações: a militar, a política e a de massas, postas hierarquicamente. Também sobre a influência de Fidel, esses grupos seriam coordenados por Adalto Freire da Cruz[10], Clodomir Morais e Francisco Julião, respectivamente. O objetivo da separação estaria em proteger e dar certa autonomia às organizações do movimento, de tal modo que algumas atividades seriam controladas exclusivamente pela organização militar, outras pela militar e política e, por último, aquelas ordenadas pelas três organizações. Ainda nesse sentido, a dificuldade de organização era um imperativo atestado pelo próprio Julião:

> Um dia, quando se puder avaliar a exata dimensão do movimento das Ligas, se verá que foi um movimento que adquiriu uma grande horizontalidade, uma grande importância em sensibilizar as massas, não em organizá-las. Eu disse ao

[9]Na entrevista de Clodomir Morais, não foi possível distinguir exatamente quantas viagens foram realizadas para Cuba por militantes das Ligas Camponesas, mas a partir da análise de outros documentos pode-se identificar ao menos duas. Uma em maio de 1961, quando da Fundação da Anap, e outra poucos meses depois, quando pouco mais de 10 militantes compuseram o grupo. Nesta última, teria ocorrido a indicação de Fidel sobre a reorganização do movimento, dividindo-o em três organizações distintas.

[10]Não foram encontradas muitas referências sobre Adauto Freire da Cruz. A melhor delas está localizada na coletânea Retratos da Repressão Política: Brasil 1962-1985 (2010). Adauto é descrito como braço direito de Julião nas Ligas. Após o golpe militar de 1964, viveu na clandestinidade. Morreu no estado do Rio de Janeiro em decorrência de uma abordagem truculenta da polícia em 1979, quando voltava de uma manifestação em defesa da Lei da Anistia.

> Calado: "Agitar é fácil; organizar é que é o problema." E precisamente nesse momento em que se iniciou a infiltração mais forte e o movimento começou a ser tragado por dentro, eu estava tratando de organizar. Eu via que, se eu não me organizasse, a linha que a Liga adotava — uma linha autônoma, de impedir que o camponês pudesse ser controlado e mediatizado — iria sendo, pouco a pouco destruída. Havia forças poderosas e bem organizadas trabalhando nesse sentido, para mediatizar, para conter esse movimento que estava crescendo no sentido horizontal, no sentido de sensibilização de massas, mas não de organização[11].

É importante destacar que caso seja tomada a estrutura apontada anteriormente, Francisco Julião, que ficou consagrado como a principal liderança do movimento, estaria, *a priori*, na posição mais baixa da hierarquia da estrutura das Ligas. Por outro lado, essa condição não se torna contraditória, caso sejam considerados que os elementos que Fidel apontava para indicá-lo para a posição eram o fato de pertencer a uma família ligada às oligarquias rurais do estado, desempenhar um cargo público de deputado estadual e, especialmente, já desfrutar de reconhecimento público na luta pela causa dos camponeses. Ainda assim, a criação dessa estrutura dentro das Ligas acabava por claramente dividir o poder da organização, algo que parece ter ficado ainda mais evidente a partir novembro de 1961, com o Congresso de Belo Horizonte.

As discussões sobre reforma agrária realizadas no evento ficaram especialmente polarizadas entre PCB e as Ligas; enquanto o primeiro buscava alternativas de luta amparadas nas brechas legais, o grupo liderado por Julião se manifestava no sentido da radicalização da luta, cunhando o lema "reforma agrária radical, na lei ou na marra"

[11]Francisco Julião – Entrevista à Aspásia Camargo. CPDOC/FGV.

(MEDEIROS, 1989, p. 114-15)[12]. O congresso determinou resultados não somente para a trajetória dos próprios movimentos envolvidos, mas também dos componentes que compunham as delegações. Conforme foi dito anteriormente, o próprio Clodomir, assim como outros simpatizantes do PCB também ligados às Ligas, foi formalmente expulso após o evento, por ter tomado partido das posições de Julião[13]. Ademais, este último destacou a importância do evento para a publicização da luta em favor da reforma agrária:

> [Durante] o congresso, a linha da Liga era a mais aplaudida. Quando falava um delegado da Liga, sensibilizava mais os presentes, porque trazia uma linguagem nova. Além disso, realmente a delegação da Liga foi poderosa, foi forte. Compareceram cerca de 200 delegados só do Nordeste que viajaram de caminhão durante todo esse percurso, passando por muitas cidades. E depois havia também o movimento estudantil, que estava muito sensibilizado. Lembro-me de que, nessa época, fiz uma conferência em uma universidade de Belo Horizonte, no edifício da Secretaria de Educação, que era muito grande. Estava lotada. Havia mais de cinco mil estudantes. Era uma coisa formidável. Havia um grande interesse em ver o que diziam os do Norte, o que pensavam aqueles que vinham do Norte, com uma linguagem nova etc. Creio que isso influiu muito e causou impacto para que se pudesse obter no congresso resoluções mais consequentes. E foi fácil dar um impulso à luta pela reforma agrária, dada a comunicação com senadores e deputados, com presidente da República, com governadores de estado, com toda a gente. [...] Para mim, a grande importância

[12]Medeiros (1989) destaca que a posição do PCB apostava na aliança com a burguesia nacional para efetivamente reunir forças para lutar contra o latifúndio, ao contrário da posição defendida por Julião, que entendia que o combate ao latifúndio era uma necessidade imediata de qualquer tentativa de mudança da estrutura de poder nacional. De outro modo, Ligas e PCB entendiam de forma inversa a natureza da luta por reforma agrária naquele momento, enquanto as primeiras defendiam que a luta se travaria do campo para a cidade, o segundo considerava o movimento no sentido inverso, da cidade para o campo.

[13]Outro expulso do PCB foi Adauto Freire da Cruz que, segundo Clodomir, havia sido indicado por Fidel para ocupar a posição de chefe da organização militar do movimento.

> desse congresso foi precisamente fazer com que camadas da sociedade brasileira, que até então estavam não muito bem informadas sobre essa dolorosa realidade, descobrissem a existência do camponês e tratassem de integrar esse camponês na grande luta de mobilização que, desde então, começava a crescer no Brasil[14].

O evento serviu para promover mudanças nas diretrizes da luta, mas ao mesmo tempo deve ser considerada a importância do congresso também internamente ao próprio movimento das Ligas, conforme afirma Clodomir Morais.

> O congresso de Belo Horizonte foi importante porque de lá saíram todos para os dispositivos militares, a maioria foi para os dispositivos. Aí foi quando houve a ruptura direta com o Partido Comunista. Quem estava dirigindo a Ultab dentro do congresso era Marighella. Marighella estava a 100 metros, 200 de distância. No seu aparelho lá, orientando os que estavam dentro do congresso. E todas as propostas do Partido foram derrotadas, clamorosamente. O grande vitorioso do congresso foram as Ligas. Foi aí que o partido se deu conta que estava rachado mesmo. Aí começou a expulsar gente, expulsou uma porrada. Eu fui expulso nessa época[15].

A justificativa de Clodomir para a criação dos dispositivos militares é que o ex-governador de São Paulo Adhemar de Barros havia distribuído mais de 20 mil armas para latifundiários do país. Segundo ele, decisão tomada sem a consulta a Julião, que reproduziria a prerrogativa dada por sua posição somente como membro da organização de massas. Entretanto, há indicativos de que a partir daí se inicia uma disputa interna nas Ligas, que acaba opondo, especialmente, Julião e Clodomir. Este que, desde o princípio não teria sido muito favorável à estruturação das Ligas nas três organizações apresentadas anteriormente. As diferenças entre os dois aparentemente se acirraram a partir do momento em que os dispositivos militares passaram a ser incentivados pela organização militar e política das Ligas, em 1962. Vale

[14]Francisco Julião – Entrevista à Aspásia Camargo. CPDOC/FGV.
[15]Entrevista concedida ao autor.

destacar que a vitória das posições das Ligas diante daquelas defendidas pelo PCB no congresso poderia ser entendida como base para um ganho exponencial de força do movimento. Entretanto, o acirramento das disputas internas das Ligas, somado à expansão da sindicalização rural nos anos seguintes, sugere ser elemento bastante significativo para compreender as dificuldades enfrentadas pelo movimento a partir daquele momento.

Tanto Julião quanto Clodomir se referem um ao outro respeitosamente nas entrevistas e demais materiais encontrados, mas é possível localizar que as principais divergências de suas posições se davam a respeito do rumo que o movimento deveria ter tomado. As intenções de Clodomir sugerem ser mais alinhadas àquelas que teriam sido incentivadas por Fidel, no sentido de organizar os camponeses para resistir e efetivamente pegar em armas. Por outro lado, Julião indicava medidas de longo prazo, ampliando as bases do movimento camponês.

> [A] Liga deveria continuar como um movimento de massas até que a gente tivesse mobilizado todos os camponeses do Brasil. Eu era partidário da formação de ligas em todo o Brasil, até ter cinco ou seis milhões de camponeses nelas organizados — como movimento, não como partido. Mas o pessoal começou a golpear. Eu não podia dispor de muito tempo para dedicar-me a um estudo mais sério desses problemas. Vivia em um praticismo feroz, era desses que iam comprando livros e acumulando, com a esperança de um dia poder lê-los. Eu dizia sempre: "Um dia vou ter tempo de ler isso, na cadeia ou não sei aonde." Acabei lendo no exílio[16].

A passagem acima ilustra em parte a perspectiva de que Julião começou a receber de dentro das próprias Ligas a oposição às suas intenções. Ao mesmo tempo, a referência a um "praticismo" sugere suas ações majoritariamente orientadas às massas camponesas, lugar de destaque que desfrutava desde o final da década de 1950. A respeito de

[16]Francisco Julião – Entrevista à Aspásia Camargo. CPDOC/FGV.

Clodomir, a posição de Julião é bastante contundente sobre eventuais prejuízos trazidos ao movimento.

> E o movimento foi duramente golpeado por causa de alguns erros tremendos de Clodomir. Ele planejava e estruturava bem as coisas, mas, na hora em que o movimento começava a necessitar de que não se acelerasse tanto, de um pouco mais de calma, então o Clodomir acelerava demais, e com isso criava problemas. Não elegia bem os quadros, tanto que a gente tratou de formar uma escola de quadros, para poder orientar melhor o movimento. Mas essa já foi a fase em que todo o mundo estava se metendo dentro da liga. A liga era um grande movimento, um rio que começava a se deslocar e, você sabe, quando um rio leva muitas águas, vem de tudo: vem a flor, mas também vem o cadáver. De maneira que era difícil fazer uma seleção, porque era um movimento, não era um partido. Entravam no movimento as diversas correntes, querendo, naturalmente, conquistá-lo para o seu partido[17].

Essa passagem reafirma a perspectiva da dificuldade de controle sobre os espaços decisórios do movimento, pautado, em parte, pelas ações do grupo de Clodomir. Naquele momento, as disputas internas pareciam minar a liderança de Julião. Em outro trecho, ele explica mais sobre essa "aceleração" promovida pelo líder da organização política do movimento.

> Sempre tratei de desalentá-los, mas era impossível, porque aí por trás estavam muitos interesses. Nessa época, na América Latina, havia muito a ideia do foquismo. Não era só um fenômeno do Brasil. Mas eu partia do princípio de que tínhamos absolutas liberdades democráticas no país. Não havia prisioneiros políticos, não havia nada, podíamos mobilizar grandes massas. Havia, naturalmente, choques entre grandes senhores de terra e camponeses, mas as denúncias sempre contribuíam para aumentar o movimento do camponês. Esses grupos partiram para isso, e criou-se um problema. Afinal de contas, a coisa não funcionou, não foi para diante, e não havia possibilidade de funcionar. Combatiam a quem? A um governo que tinha uma linha populista e vinha aceitando a mobilização de grandes massas? Mas foi em consequência do fracasso desse movimento que consegui atrair toda essa gente, porque isso foi

[17]Francisco Julião – Entrevista à Aspásia Camargo. CPDOC/FGV.

> antes. Quando veio a eleição de Arraes, estávamos saindo do movimento das guerrilhas. Recordo-me perfeitamente bem de que chega a minha casa Pelópidas Silveira, muito alarmado, e me diz: "Olhe, estive conversando com um capitão do Serviço de Inteligência do Exército — ele é um lottista, um nacionalista, um companheiro, portanto, que pensa como a gente —, e ele me informou que você está fundando guerrilhas no Brasil." Respondi: "Diga a esse capitão que me leve a um dispositivo de guerrilhas que eu esteja fundando, porque quero conhecer os meus dispositivos de guerrilha." Em verdade, havia elementos da Liga que estavam fundando dispositivos, de forma anárquica e irresponsável. Imediatamente, tratei de pôr uma pessoa em contato com o Clodomir para lhe dizer: "vocês estão cometendo uma série de erros gravíssimos, que podem comprometer o movimento". Afinal de contas, consegui tirar toda essa gente dos dispositivos e liquidar com tudo isso. Mas eles vinham muito acelerados, e era preciso metê-los em um grande movimento de massas, para ver se desaceleravam um pouco. Por isso eu os meti na campanha de Pernambuco e da Paraíba e tive que aguentar o radicalismo da sua linguagem, para tratar de amenizar e de contemporizar. Isso influiu muito para a diminuição dos meus votos e para aumentar o ataque que era feito contra mim e, na Paraíba, contra a Elisabete[18].

Julião é bastante claro sobre sua divergência com aquilo que as organizações militar e política das Ligas vinham promovendo. Além disso, sua posição não corrobora uma condição de inferioridade na hierarquia do movimento, ao menos não sugere uma aceitação como tal. Ao contrário, inclusive dá indicações que foi o responsável por realocar as figuras envolvidas em outras frentes, como na campanha para o governo de Pernambuco e Paraíba. Entretanto, o fato de somente ter tomado conhecimento da situação após a instauração dos dispositivos obriga a considerar que, no mínimo, durante o ano de 1962, as decisões das lideranças das Ligas definitivamente não operavam segundo os mesmos princípios, ou mesmo que aquele quadro hierárquico desenhado por Clodomir, que teria sido pautado na sugestão de Fidel sobre a organização do movimento, não funcionava com a eficiência esperada.

[18]Francisco Julião – Entrevista à Aspásia Camargo. CPDOC/FGV.

Caso consideremos que o caso narrado ocorre aproximadamente um ano depois do Congresso de Belo Horizonte, podemos concluir que a luta pela "reforma agrária na marra" imperava não somente nas lutas do movimento, mas também servia de combustível para a luta interna entre seus líderes.

Por outro lado, a perspectiva de Clodomir sobre a preocupação de Julião com os dispositivos militares se fundamenta em outras razões. Ele defende que a posição do líder da organização de massas estava pautada em suas pretensões políticas — Julião pretenderia se lançar candidato a vice-presidente da República, numa composição com o PTB de João Goulart, com quem teria estreitado laços especialmente depois da realização do Congresso de Belo Horizonte. Para o líder da organização política das Ligas, Julião não apoiava a ideia do treinamento de camponeses para luta armada por acreditar que tal medida seria determinante para seu futuro político. A possibilidade de uma aliança com o PTB foi reafirmada pelo próprio Julião:

> Dias depois do congresso, Jango quis conversar comigo e convidou-me para ir ao Torto. Fui conversar com ele. Ele dizia: "Olhe, não sou socialista, não chegarei nunca ao socialismo. Atenho-me ao programa de Vargas, ao programa do Partido Trabalhista. Agora, por que é que a gente não faz uma aliança? Não seria possível uma aliança entre o Partido Socialista e o Partido Trabalhista, visando, digamos assim, um próximo embate eleitoral?" Admiti que era possível. Você sabe que havia conversas entre os dois partidos. O partido de Jango ressentia-se de teóricos, e o Partido Socialista tinha excesso deles. Mas o Partido Socialista não tinha corpo. Eu dizia aos companheiros: "O único homem de massas era eu. 'Olhem, por que não vamos conquistar o campo, trabalhar com os camponeses? A classe obreira está muito trabalhada pelo Partido Comunista e o Partido Trabalhista, e o campo está completamente abandonado. A influência que aí têm o Partido Comunista e o Partido Trabalhista é muito pequena em relação a que têm os coronéis e cabos eleitorais dessa gente, que manipula e domina tudo. Vamos quebrar isso. Aí está um campo formidável para o

> Partido Socialista vir a ser um partido grande, poderoso, um partido com massa, e não apenas com cabeça'[19]".

Assim, parte dos conflitos internos das Ligas pode ser vista à luz das diferenças entre as perspectivas de Clodomir e Julião. É importante considerar que, com o passar do tempo, o movimento que teria criado uma cisão no PCB, especialmente em Pernambuco, passaria pouco depois por uma experiência similar, ao sofrer internamente com disputas sobre os próximos passos do movimento. Apresentada até aqui, a versão de Clodomir, em contraposição àquela que já ficou consagrada de Julião, permite revisitar importantes princípios até agora tomados como fundamentos sobre o movimento das Ligas Camponesas. Um deles é a possibilidade de um novo olhar sobre a própria liderança de Julião — cabe questionar até que ponto o tom radicalizante que o líder da organização de massas tornou público, a partir do evento de Belo Horizonte, representava sua própria posição. Ao mesmo tempo, a hierarquização do movimento proposta por Clodomir parece não contar com a complacência do líder da organização de massas.

Sales (2005) rechaça a possibilidade de que Julião pudesse não saber sobre a criação e o funcionamento dos dispositivos militares. O autor toma por base especialmente a mudança das posições defendidas publicamente pelo deputado, especialmente a partir dos primeiros contatos com os revolucionários cubanos. Neste sentido, entendo que há a necessidade de que se coloque em destaque o fato de que as posições públicas de Julião podem não representar necessariamente suas opiniões pessoais. Caso consideremos que ele ocupava o papel de porta-voz (líder da organização de massas) do movimento, sua mudança de tom a respeito do processo revolucionário pode ser entendida como uma

[19]Francisco Julião – Entrevista à Aspásia Camargo. CPDOC/FGV.

alteração dos rumos da própria direção do movimento (organização política e organização militar).

3. Uma narrativa interna: o dispositivo militar de Dianópolis

A iniciativa de organização do dispositivo militar de Dianópolis é constantemente referenciada como exemplo de tentativa frustrada do movimento de guerrilha das Ligas Camponesas. Atualmente, Dianópolis faz parte do estado de Tocantins, porém na época dos eventos narrados aqui, fazia parte do estado de Goiás, distando aproximadamente 800 quilômetros de Brasília. A principal referência mobilizada para revisitar a criação e o funcionamento daquele dispositivo é Adauto Monteiro da Silva, que participou do primeiro grupo a chegar ao local e lá permaneceu até o momento em que os militares invadiram a fazenda, findando aquela iniciativa.

Adauto nasceu em 1935, em Recife. Na adolescência, começou a trabalhar nas fábricas da família Othon[20], de quem sua mãe era parente distante. Foi lá que Adauto passou a fazer parte da juventude comunista e foi apresentado a Amaro Luiz de Carvalho[21], conhecido como Capivara, que seria o grande responsável pela entrada dele nas Ligas. Adauto ficou por quase três anos na fábrica, depois disso foi trabalhar no Moinho Recife, como analista de qualidade de farinha de trigo. Lá conseguiu um emprego para o amigo Capivara, que na época estava desempregado. Nesse período, participou, com Capivara, das campanhas

[20]A família Othon era dona de fabricas de tecidos em vários estados brasileiros, como Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.
[21]Amaro Luiz de Carvalho foi assassinado por agentes da repressão enquanto estava preso na Casa de Detenção de Recife em 1971. Ver mais em Carneiro e Cioccari (2010).

da Frente do Recife[22], apoiadas pelo PCB. Foi nesse contexto que Adauto revela ter conhecido Francisco Julião. Segundo ele, foram nessas condições que passou a entender um pouco mais da realidade do camponês. Além disso, não achava produtivas as mobilizações de greve realizadas pela classe operária. Adauto passou a fazer parte das Ligas Camponesas depois da eleição de Arraes, em 1962[23].

> Aí em 62 é a última campanha que a gente faz. Aí nos ligamos à liga. Aí aderimos à liga. [...] A gente viu na liga uma oportunidade. Tanto é que a gente já andava participando de andanças com o Julião né, lá naquelas fazendas que eles tinham feito uma minirreforma agrária. Tinha brigas políticas em torno daquelas… da fazenda... não me lembro o nome. Ali a gente começou a trabalhar, ali sob a tutela de Julião. E as pessoas ligadas ali a Liga Camponesa. Joel também não lembro o sobrenome dele. E lá a gente ficou em 62. Aí em 63 eles abriram mão para gente ir para Dianópolis[24].

Segundo Adauto, um grupo de aproximadamente dez pessoas foi encaminhado para Dianópolis. De todos os enviados, o único que Adauto conhecia previamente era Capivara, que foi quem o convidou; os demais não se conheciam. Ao chegar à fazenda, o único homem que lá estava usava o nome de Meireles. Adauto conta que se tratava de um homem mais experiente que aqueles que chegaram com ele. O pouco treinamento que tiveram na área foi dado por Meireles. Tratava-se

[22]O movimento que ficou conhecido como Frente do Recife garantiu o apoio dos simpatizantes da esquerda, especialmente do PCB, em um primeiro momento, para a eleição de Pelópidas Silveira à Prefeitura de Recife, em 1955, e, posteriormente, para o governo do estado de Pernambuco, com Cid Sampaio, em 1959, e Miguel Arraes, em 1962.

[23]Adauto foi bastante veemente em afirmar que o grupo de militantes somente foi enviado para Dianópolis em 1963, isto é, depois da eleição de Arraes. Informação que contradiz aquela dada pelo próprio Julião que, conforme foi apresentado na seção anterior, garantiu que o grupo de Dianópolis fora desfeito e que ele havia enviado os quadros lotados no dispositivo para o trabalho nas campanhas para os governos de Pernambuco e Paraíba.

[24]Entrevista concedida ao autor.

basicamente de técnicas de sobrevivência: como conseguir alimento, água e abrigo numa área de floresta densa.

Entretanto, apesar de contar com a figura de Meireles como principal responsável pelo treinamento, segundo Adauto, a liderança daquele grupo era desempenhada por Capivara[25]. A fazenda, que tinha aproximadamente 600 alqueires de área, estaria inclusive registrada no nome de Amaro Luiz de Carvalho, o Capivara.

Adauto conta que a primeira responsabilidade desse grupo era estruturar o local de tal maneira que aparentasse ser uma fazenda convencional. A partir do momento que essa etapa fosse superada, eles passariam a realizar os cursos com técnicas de guerrilha. Até aquele momento, eles somente dispunham de armas de pequeno porte para a segurança pessoal do grupo. Adauto destaca que não tinham a intenção de promover qualquer tipo de treinamento para os moradores dos arredores da fazenda. A ideia era exclusivamente estruturar um campo de treinamento de "forças militares". Grupos de pouco mais de dez pessoas seriam levados em cada uma das oportunidades para passar por treinamento durante alguns meses; uma vez completado o tempo, o grupo seria substituído por outro, para ser submetido ao mesmo exercício.

A relação do grupo com a população dos arredores era fácil. Adauto conta que se apresentavam como fazendeiros, mas com o decorrer do tempo, aos poucos o grupo foi se aproximando mais de alguns moradores locais, que passaram a ter conhecimento de que

[25]Carneiro e Cioccari (2010) destacam que Capivara havia sido enviado para Cuba pelo PCB, durante o ano de 1961, para realizar treinamento militar. Entretanto, na entrevista, Adauto reputa às Ligas essa viagem. Esse caso pode ser ilustrativo das figuras que pertenciam ao PCB, mas que posteriormente passaram a desempenhar papel de destaque nas Ligas, inclusive contrariando as determinações do partido.

pertenciam às Ligas Camponesas. Estiveram em Dianópolis por quase oito meses, até que a fazenda foi invadida pelos militares. Adauto conta que a intervenção militar ocorreu no período que aguardavam a chegada do armamento a ser utilizado para o treinamento de guerrilha, que seria trazido por meio de uma balsa até a região. Ele conta que o grupo sobreviveu ao ataque dos militares por sorte. Segundo ele, as forças militares cercaram a sede da fazenda e metralharam o lugar. Eles somente não foram atingidos pelos disparos porque tinham o costume de se reunir após o almoço em outro abrigo da fazenda, distante quase um quilometro da sede. Assim, no momento do ataque o grupo estava reunido nessa outra parte da propriedade, fato que os permitiu fugir sem que fossem presos ou mortos.

Apesar de conseguir escapar do ataque, o grupo ainda estava desprotegido, porque grande parte de seus recursos estava na sede da fazenda que havia sido atacada. Assim, Adauto recebeu a ordem de procurar ajuda de um sitiante da região, que apoiava o grupo, para conseguir chegar a Brasília e de lá seguiu em direção ao Rio de Janeiro para buscar a ajuda de Clodomir Morais[26]. Ele levantou os recursos necessários para que voltasse e encontrasse os remanescentes do grupo em Barreiras, cidade do interior da Bahia, onde tinham outro contato.

Ao chegar a Barreiras, Adauto encontrou o grupo quase completo[27], mas muito desgastado pela fuga. Comprou-lhes roupas, uma

[26]Ao chegar ao Rio de Janeiro, o único endereço que Adauto tinha era de uma casa de Julião; ao procurá-lo no local, somente encontrou a esposa dele que, relutantemente, o colocou em contato com outros membros da Liga, que lhe providenciaram abrigo e o contato de Clodomir. Naquela oportunidade, conheceu Pedro Porfírio, que foi editor do jornal *A Liga*, que noticiava as lutas do movimento camponês.

[27]A exceção era o militante conhecido como Meireles. Adauto não teve mais notícias dele, mas acredita que ele não tenha seguido para Barreiras, mas

caminhonete rural, e de lá o grupo seguiu de barca até Barras, onde pegaram uma balsa até Xique-Xique. Assim, foram trocando de transporte, separando-se e reunindo-se até chegarem a Salvador. Por lá ficaram hospedados separados em pequenos hotéis e, aos pares, foram seguindo para o Rio de Janeiro.

Adauto permaneceu na capital fluminense por alguns meses, até que foi enviado com outros dois homens para o estado do Paraná, para trabalhar com um advogado chamado Manuel Silva, que era ligado às Ligas. Permaneceu por lá até meados de 1966, mas já a partir de 1964, Manuel Silva passou a ser perseguido pelos militares e foi obrigado a fugir para São Paulo, e então o trabalho de Adauto junto aos camponeses também acabou.

4. Considerações finais

A partir de 1963, a Igreja Católica e o PCB passaram a entrar de forma mais direta na disputa pela representação dos camponeses, especialmente nos recém-criados sindicatos de trabalhadores rurais, regulamentados por meio do Estatuto do Trabalhador Rural, datado de março daquele ano. A fragilização que as Ligas Camponesas apresentavam naquele período é costumeiramente justificada pela entrada desses novos atores, mas é preciso colocar em pauta o próprio quadro de fragmentação interna que o movimento passou a apresentar, sobretudo a partir do Congresso de Belo Horizonte, em 1961, quando começaram a ficar mais evidentes as disputas entre os caminhos a serem adotados. Mais do que meramente uma mudança de princípios, o

tenha ido ao encontro daqueles que estavam levando as armas para a região de Dianópolis.

movimento passava, por meio da cisão de suas lideranças, a atacar diversas frentes, como aquela dos dispositivos militares.

A recuperação da narrativa de figuras como Clodomir Morais é importante, pois nos apresenta um contexto distinto daquele consagrado quanto às ações do movimento camponês. Inclusive nos permitindo revisitar a própria importância e centralidade daquele que foi o principal ícone do movimento, o deputado Francisco Julião. Por outro lado, o relato de Adauto Freire é rico por proporcionar informações sobre os bastidores de uma iniciativa que costuma ser recuperada sem as nuances de sua lógica interna. O perfil de Adauto Freire, e até mesmo de Capivara, que o convidou para compor o grupo, dá indicativos de que, ao menos no grupo inicial, tratava-se de militantes muito mais ligados aos grupos urbanos de apoio às Ligas, do que propriamente camponeses. Além disso, a narrativa de Adauto corrobora a primazia de Clodomir diante dos dispositivos, ao reforçar que ele era a pessoa a ser procurada para angariar recursos para a fuga dos militantes. Ao mesmo tempo, a própria fuga do grupo, após a invasão à fazenda pelos militares, coloca em questão a afirmação de Julião de que ele teria sido responsável pela dissolução do grupo, enquanto a versão de Adauto parece confirmar que se tratou de uma derrota diante da descoberta do local pelos militares.

A recuperação da história das Ligas Camponesas é fundamental para a compreensão dos rumos que a luta pela reforma agrária tomou no país desde então. Passados mais de cinquenta anos de seu apogeu, o movimento ainda permanece com fatos a serem desvelados e novos sujeitos a terem seu papel reconhecido naquele processo.

Referências bibliográficas

ALVES, Bernard José Pereira. **Na lei e na marra:** sociogênese das formas de luta pela terra, 1950-1964. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.

CARNEIRO, Ana; CIOCARI, Marta. **Retratos da Repressão Política:** Brasil 1962 – 1985. Brasília: Nead, 2010.

MEDEIROS, Leonilde Servolo. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: Fase, 1989.

PAGE, Joseph. **A revolução que nunca houve**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

ROGERS, Thomas. **The Deepest Wounds: A Labor and Environmental History of Sugar in Northeast Brazil.** The University of North Carolina Press, 2010.

SALES, Jean Rodrigues. **O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.